

#### 4º Encontro Anual de economia Política Saudação na Sessão de Abertura

Nesta associação, nestes encontros anuais de economia política quisemos sempre ser uma comunidade, vermo-nos como uma comunidade. Mas hoje estamos aqui reunidos por *zoom*, fragmentados nos ecrãs dos nossos computadores. Queríamos estar juntos, em Évora, e estamos a uma distância dorida. Este é o drama das nossas vidas, o dilema do nosso futuro. Não quero, pois, esconder-vos a tristeza por ser assim. Por não estarmos juntos.

Mas também sabemos, todos sabemos, que aquilo com que nos confrontamos, sendo irredutivelmente pessoal e até íntimo, é o maior dos assuntos públicos. É, na verdade, um assunto de economia política. Talvez poucos de nós pensássemos que alguma vez veríamos com tanta nitidez esta radiografia precisa do capitalismo: do modo cru como moldou o mundo, o usou, o modificou e o tornou insustentável. O mundo de que falo é um planeta, um ambiente, mas, para lá de tudo isto, somos nós – as mulheres, os homens e as crianças, as nossas cidades, os nossos países, os espaços onde habitámos e onde nos criámos, procurando culturas e relações, procurando, enfim, a felicidade. O capitalismo obrigou-nos ao frenesim da mobilidade, em vez do gosto da visita, à intensidade da produção, em vez do gosto do cuidado, à aceleração da concorrência e da competição, em vez do gosto da reciprocidade, à tentação permanente de exaurir, em vez do gosto de conservar, ao afã da mercadoria em vez do gosto do dom. Levando tudo até à exaustão. Fez isto revolvendo as vidas e usando-as, desfazendo o tempo (que deveria ser cíclico, e não linear), perturbando o espaço (que devia ser proximidade e relação, e não a estrada da velocidade). E só tratou de alguns processos inclusivos quando isso foi condição da sua própria, e egoísta, sobrevivência. É este capitalismo esquelético, financeirizado, dito globalizado, sem chão, organizado para a exploração, mas não para a vida, pandémico, ameaçando a vida mais do que alguma vez ameaçou, (é este capitalismo) que hoje temos a ameaçar-nos a todos. É com ele que nos confrontamos. É perante ele que temos de recuperar a ambição da vida, refazendo-a, reorganizando-a, declarando-lhe um valor que está para lá dos anos que cada um quer viver e que tem de ser o valor da presença, da co-presença, da comunidade, da relação. Da vida em conjunto. Este é um desafio de Economia Política. E tem a ver com tudo. Com a produção, com o consumo, com o comércio, com o trabalho, com as empresas, com o Estado, com as nações, com os espaços do nosso relacionamento. Foram estas matérias que nos levaram a criar a Associação Portuguesa de Economia Política e a redigir e aprovar uma declaração de princípios (que vos convido a reler) em que apontávamos os caminhos que nos permitiam combater os estreitamentos que nos reduzem “a capacidade para entender o mundo e sobre ele intervir”. E estou certo que elas se juntam às matérias de hoje, levando assim a nossa Associação a continuar a ser um lugar preciso e precioso de realização de todas as nossas ambições para pensarmos e repensarmos a “realidade substantiva”, como fizemos no 1º Encontro, para discutirmos “democracia, desenvolvimento e desigualdade”, como fizemos no 2º, para relacionar “espaço, tempo e economia política”, como fizemos no 3º, e para, como aqui vamos fazer hoje e amanhã, encararmos “o desenvolvimento no seu labirinto”, o mundo no seu labirinto...

É uma enorme felicidade que as coisas essenciais que temos no espírito, que nos formaram o nosso espírito – as nossas razões e as nossas emoções –, possam encontrar identidades fortes com alguém cuja vida é um bem maior da nossa existência coletiva. Cláudio Torres é uma dessas vidas: de grandeza, de coragem, de vida-vivida, de ação pública, alguém que sabe melhor do que todos nós o que é espaço e tempo, memória e ação, símbolos e materialidade, local e trajetória. Alguém que só conhecemos bem visitando-o em Mértola, no seu campo, no seu *campus*. Convidámo-lo para Presidente deste Encontro exatamente porque queremos ter connosco alguém cuja autoridade, cuja noção ampla e interdisciplinar do que constitui a vida e a sociedade nos lembre que é esta mesma a natureza da Associação, que é de

economia política porque se interessa por um entendimento complexo dos fenómenos e dos contextos em que eles se formam. Mas também porque meteu as mãos no desenvolvimento, descobrindo-lhe e dominando o labirinto, que certamente começa no magnífico criptopórtico-cisterna da alcáçova de Mértola, cuja porta nos abriu. E este é – deve ser – o propósito de todos os que trabalham em ciências sociais.

Dirijo-me de novo à Senhora Reitora Universidade de Évora, Ana Costa Freitas, para lhe agradecer “estarmos” na sua Universidade e todo o apoio que nos foi dado para se realizar este Encontro.

Quero aproveitar ainda para sublinhar a presença entre nós de Ha-Joon Chang, um dos economistas contemporâneos que todos estudamos, porque ele está entre os que produzem uma ciência crítica, capaz e culta. Queríamos há muito tê-lo a trabalhar connosco e isso vai acontecer hoje. Saúdo Carlos Lopes, um economista de língua portuguesa, que debate o desenvolvimento, conhece os grandes cenários internacionais e consideramos um dos nossos, sendo uma voz de África e uma voz do mundo. Saúdo também Luísa Schmidt e Tiago Domingos, que participarão na sessão plenária de amanhã.

Temos neste Encontro, como tem sido hábito nos anteriores, mais de noventa comunicações e mais de cem autores. Quero saudá-los, em conjunto, e declarar como estamos contentes por termos “mantido o ritmo”. Saúdo igualmente os doze colegas de várias universidades que compuseram a Comissão Científica.

Temos um dever de gratidão muito especial, este ano, para com a Comissão Organizadora. Não é fácil imaginar a imaginação e o esforço redobrado que foram necessários para realizar este encontro *online*, quando estava pensado para ser presencial. Quero dizer aqui os nomes todos para sublinhar o nosso reconhecimento: André Carmo, Catarina Príncipe, Conceição Rego, Gonçalo Marçal, João Fialho, João Loureiro, Luísa Veloso, Manuel Branco, Maria da Saudade Baltazar e Rui Junqueira Lopes e quero sublinhar que quatro são estudantes do Doutoramento Interdisciplinar em Economia Política. E quero também nomear aqui Rafael Vasques, cujo apoio a todas as tarefas organizacionais foram e estão a ser essenciais.

Este é o último discurso que faço num Encontro em nome da Direção da Associação Portuguesa de Economia Política, a que tenho presidido. Não preciso de dizer a alegria que tive neste trabalho, ao longo de quatro anos, e como estou reconhecido por ter sido parte do arranque deste nosso projeto. Quero apenas dizer a confiança que tenho no futuro da nossa associação e no papel que ela continuará a ter no nosso panorama académico, intelectual e cívico. Vamos ser redobradamente essenciais. A universidade empobreceu dramaticamente. Torna-se por vezes difícil distinguir a instituição livre, poderosa e capaz de transformar a sociedade da organização rotineira, de pequenos poderes e obscuramente burocrática. Mas, felizmente, é ainda dentro da própria universidade que estão as capacidades, o engenho e o saber, que a reconstituirão, no limite, que a libertarão - mesmo que daqui a várias gerações se venha a dar outro nome àquilo que formos capazes de, entretanto, começar a construir. É por causa destas convicções que nos continuamos a orgulhar de sermos universitários. E é por isso que, no imediato ou no tempo mais longo, a Associação Portuguesa de Economia Política será muito importante para (como mandam os tempos que correm) sermos inquietos e construtivos, críticos e alternativos, complexos e pragmáticos.

José Reis

29 de janeiro de 2021